

A base dos métodos tradicionais, tanto o fonético quanto o da silabação, é a memorização. Atualmente, já é conhecido de todos que a memorização não deve ser a base, mas uma consequência da aprendizagem. Conforme Fernandes e Hailer (2001) “sabemos que os conteúdos escolares não são aprendidos somente pela memorização, eles requerem mais que isso, uma nova construção conceitual. Para aprender a interpretar, redigir textos, refletir sobre eles e sobre a escrita convencional não basta memorizar definições e seqüência de letras e sílabas. É preciso construir conceitos e princípios complexos”. (p. 6)

Ao longo dos anos, a educação baseou-se nos métodos de ensino negligenciando a maneira como o raciocínio do aluno se desenvolvia, ou seja, o seu aprender. O aluno era totalmente passivo, ele apenas recebia informações e deveria memorizá-las. Aqueles que não conseguiam isso estavam em sérios apuros, pois se não se encaixavam no modelo pronto de aprendizagem do professor e eram simplesmente rejeitados pela escola.

A evasão escolar tem nessa maneira de ensinar sua principal aliada. É importante que essa mentalidade seja banida da escola e cabe ao professor vencer essa discriminação enraizada há tantos anos nas escolas. Conforme Major (1990) p.1. “O professor deve estar a par das habilidades e fraquezas de cada criança, não apenas no que diz respeito às habilidades acadêmicas como a leitura e a escrita mas também em termos de “aprendizado” como percepção, audição, visão e memória”.

Hoje, o centro da aprendizagem é o aluno e não mais os métodos de aprendizagem. Os aspectos do aprendizado infantil são mais conhecidos dos professores e com isso eles podem ser verdadeiros auxiliares no processo ensino-aprendizagem. De possuidor onipotente do conhecimento ele se transformou em mediador da aprendizagem. Enfim, tanto o professor quanto o aluno participam no processo ativamente.

### **Alfabetização atualmente**

Atualmente ouve-se regularmente a expressão letramento relacionada à alfabetização. “Ser letrado significa saber ouvir, falar, ler e escrever para usar em situação de participação social. Significa saber interpretar textos orais e escritos, levantar conhecimentos prévios, expressar idéias, pensamentos e sentimentos, utilizando linguagem adequada a cada situação” (Fernandes e Hailer, 2001. p 9). Isso significa que a alfabetização hoje deve cumprir um papel maior que antes. Já não é possível vê-la apenas como a junção de símbolos e sons.

Da mesma maneira que a criança aprende a falar pela necessidade, isto é, a partir do incentivo dos adultos para comunicar-se com ela, também deveria aprender a ler, escrever como uma necessidade de comunicação com o mundo escrito. “É um processo difícil para a criança, mas não mais difícil que outros processos de aquisição de conhecimentos” (Ferreiro, 1992. p. 32).

Até há pouco tempo, a escola não alfabetizava para o mundo. Os textos empregados no ensino eram sem sentido e fazia com que a criança lesse mecanicamente, sem construir significado, pois eram umas junções de sílabas já aprendidas. O real significado da leitura e da escrita não era ensinado já que ela lia o que a escola impunha e não o

que fazia parte de seu cotidiano. Assim, bulas de remédios, manuais, rótulos, propagandas, etc., não eram reconhecidos como textos próprios para a leitura dos alunos, afastando-os de sua realidade. O conteúdo escolar era distante do dia-a-dia do aluno.

Felizmente, hoje existe uma reflexão sobre essa prática que levou a escola a repensar. Já havia desinteresse dos alunos por conteúdos sem significado e o autoritarismo da escola também colaborou para que a alfabetização suscitasse pesquisas que a renovassem. Um ensino mais próximo da vivência do aluno é buscado para que a alfabetização seja eficaz. Exercícios que envolvam letramento são valorizados e os currículos tendem a adequar-se a cada realidade. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais já se autodenominam como parâmetros e não como método.

As atividades de alfabetização devem ser significativas, produtivas e desafiadoras. O objetivo que se quer alcançar deve ser claro ao planejá-los. O resultado resultará em um atendimento mais individualizado aos alunos.

Se antes o erro do aluno era motivo de reprimendas por parte do professor, hoje é visto como uma forma de avaliar o que o aluno já sabe e planejar o que deverá aprender. Essa possibilidade de trabalhar com o erro nos foi dada por Jean Piaget, pesquisador suíço. De sua teoria conhecida como epistemologia genética derivaram outras, entre elas a de Emilia Ferreiro, que são base de teses construtivistas atuais. Essas teorias promovem práticas escolares que respeitam o universo do aluno, assim, deve haver respeito pela produção do aluno e espaço para que eles testem suas hipóteses.

Depois de Piaget, soube-se que a criança pensa a respeito do que aprende e antes disso constrói hipóteses que vai descartando a medida que essas não mais explicam seu pensamento.

A criança ao ser alfabetizada precisa de um mediador que tenha conhecimento sobre como ela aprende e como vive, isto é, seu universo interior e exterior. O professor deve ser esse mediador, ter consciência de seu papel fundamental na formação da criança como aluno e ser social.

O ambiente onde ocorre à alfabetização deve ser alfabetizador. Livros acessíveis, palavras, revistas e todo material escrito possível fazem com que o ambiente seja propício à aquisição da leitura e da escrita.

A letra mais comum à leitura cotidiana, ou seja, aquela presente em placas, avisos, etc, é a letra de fôrma maiúscula, por isso e também por ser mais fácil de ser escrita é a letra apropriada para a alfabetização. “Quando as crianças estiverem alfabetizadas, a professora poderá introduzir outros tipos de letra (fôrma e cursiva)” (Fernandes e Hailer, 2001. p-29)

O mundo não pára e a educação deve evoluir junto com o mundo. A alfabetização, com base de todo indivíduo enquanto estudante precisava evoluir também. O acesso à leitura deve ser para todos e percebe-se que a maior preocupação nas escolas hoje é que as crianças gostem de ler. Um bom trabalho nas séries iniciais possibilitará esse acesso e como consequência o prazer de ler.

Todo o esforço de pesquisadores, professores, pedagogos, e educadores são válidos. A alfabetização atualmente deve ter como principal objetivo ensinar a função da língua e não apenas os códigos da leitura e da escrita.

### **Conclusão**

Atualmente, o processo de ensino baseado em silabação é lento e sem grande interesse para o aluno. Para que a criança adquira a leitura e a escrita é preciso que sua linguagem oral seja valorizada e trabalhada. Isso se consegue através da leitura de textos variados e que signifiquem algo para o aluno. Para dominar a linguagem é necessário saber quando e onde utilizá-la. A adequação de sua utilização deve ser ensinada na escola.

Não há como retroceder, as pesquisas de Piaget e Emilia Ferreiro abriram um leque de novas possibilidades na alfabetização. As atividades hoje devem ter o aluno como centro e não mais o método de ensino. O letramento deve caminhar junto com a alfabetização porque prepara o aluno para viver em sociedade.

O professor, principalmente das séries iniciais deve entender o que acontece com o aluno quando aprende. Precisa conhecer os conteúdos, o processo de aprendizagem e ter prazer em ensinar.

Enfim, alfabetizar hoje é diferente. Pode ser difícil, mas também é desafiador, instigante e recompensador. O professor que tem essa “responsabilidade” deve sentir-se realmente especial, pois seu empenho formará futuros cidadãos leitores, críticos e atuantes.

### Referências

Nova Escola, número 170. Ano XIX. São Paulo, Abril, março.,2004.

Nova Escola, número 145. Ano XVI. São Paulo, Abril,set.,2004.

FERREIRO, E. **Com todas as letras**. 4. ed. São Paulo: Cortez , 1992.

FERNANDES, M.; HAILER, M. A. A. **Aprendendo a ler e escrever textos**. São Paulo: Ediouro, 2001.

MAJOR, S. **Crianças com dificuldades de aprendizado: jogos e atividades**. São Paulo: Manole, 1990.